

## OS GOSTARES DESCONFORMES EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, DE GUIMARÃES ROSA

Yasmin ZANDOMENICO\*

- **RESUMO:** Se a crítica de *Grande sertão: veredas* tem avançado no comentário sobre a qualidade sensual da amizade entre o protagonista-narrador Riobaldo e o jagunço Diadorim, há ainda um percurso a pavimentar em relação às companheiras prostitutas Maria-da-Luz e Hortência/Ageala. O presente trabalho consiste em contrastar os pares Riobaldo/Diadorim e Maria-da-Luz/Ageala enquanto distintas ordens homoafetivas e resgatar a existência lésbica de sua condição periférica no *Grande sertão*. Para tanto, tem por baliza teórica as formulações de Eve K. Sedgwick, em *Between men* (1985), e de Terry Castle, em *The apparitional lesbian* (2003), entre outros. Analisa, também, a condição travestida de Diadorim, que lhe permite criar uma terceira margem em termos de gênero.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Existência lésbica. Grande sertão: veredas. Sexualidades dissidentes.

A abrangência de *Grande sertão: veredas* (1956) foi assinalada por muitos críticos em toda a extensa fortuna crítica, a começar por Antonio Candido, no ensaio de primeira hora “Homem dos avessos” (1957), em que alertara: “há de tudo para quem souber ler” (CANDIDO, 1991, p. 294). Também Walnice Nogueira Galvão, na introdução de *As formas do falso* (1972), comenta que seu trabalho “nasceu do desafio que é, para o crítico literário brasileiro, a mera existência de um romance do porte e alcance do *Grande sertão*” (GALVÃO, 1972, p. 11). Ambos os críticos, assim como outros, apontaram a ambiguidade estrutural que organiza o romance, por meio do que aquele chamou de “princípio geral de reversibilidade” (CANDIDO, 1991, p. 305) e através do que esta formulou como “a coisa dentro da outra” (GALVÃO, 1972, p. 13). Exceção feita a Galvão<sup>1</sup>, de modo geral, o interesse

---

\* UMassD – University of Massachusetts Dartmouth – Department of Portuguese – Dartmouth – Massachusetts – Estados Unidos. yzandomenico@gmail.com; yvasconcelos@umassd.edu.

<sup>1</sup> Em “O jagunço: destino preso”, a autora comenta a sexualidade no romance: “Ao longo de toda a sua relação atormentada com Diadorim, Riobaldo enfrenta esta contradição: ele, um homem de mulheres, ama um homem, e sabe que ama um homem. Logo no início, assim que Diadorim lhe

pela ambiguidade narrativa e pela invenção da linguagem sonega, ou joga para debaixo do tapete, a ambiguidade sexual instaurada pela fala riobaldiana.

Um ensaio como “O amor em Guimarães Rosa” (1964), de Benedito Nunes, por exemplo, muito conhecido e citado na vasta bibliografia sobre a obra, à primeira vista sugeriria um tratamento amplo e sem recalque do tema amoroso. Mas sua abordagem filosófico-espiritualista, que resgata o mito do andrógino e a dialética ascensional d’*O banquete* de Platão, lê a presença de Diadorim como um impulso erótico “primitivo e caótico”, manifestação ambígua de *eros*, que é “extremamente versátil e de encarnações múltiplas” (NUNES, 2013, p. 165). Embora indiscutível a contribuição, a versatilidade e os modos com que a eroticidade pode se apresentar múltipla é que restam ocultos, sem precisão de comentário. É o que observa o poeta Décio Pignatari, em entrevista:

Mas é curioso que ninguém reparou, se quisessem falar da alienação do Rosa, que eu não acho que seja alienação, é que em plena era do Sputnik, em plena era da energia atômica, ele vem contar a história de uma paixão *gay* lá no sertão de Minas, nas confluências do Nordeste, nos fins do século passado. A história nem se passa nesse século, é um pouco atemporal, mas ela se passa supostamente nos fins do século passado. Isso é espantoso. Eu ria muito quando estudiosos iam estudar essa questão do Rosa – estudos como “O amor em Guimarães Rosa”, em que você falava de tudo, menos da homossexualidade. Não dele, Rosa, não é isso o que está em causa, não se trata disso. Eu digo de ele ter abordado exatamente um assunto proustiano: a homossexualidade. Os críticos brasileiros, os brasileiros em geral, são muito hipócritas a esse respeito, não é? Quer dizer, você não pode estudar direito Fernando Pessoa, não pode estudar direito Mário de Andrade, não pode estudar direito Rosa, porque você fala em homossexualidade e parece um escândalo. Mas na verdade é o que se passa. (PIGNATARI, 2014).

Outro poeta também afina o coro dos descontentes: Manuel Bandeira, em carta datada de 1957 a Guimarães Rosa.<sup>2</sup> Ele comunica sua leitura do *Grande sertão* e aponta, entre outros comentários sobre a obra, sua insatisfação com a revelação do gênero de Diadorim. O autor de *A cinza das horas* escreve: “E o caso de Diadorim, seria mesmo possível? Você é dos gerais, você é que sabe. Mas eu tive a minha decepção quando se descobriu que Diadorim era mulher. *Honni soit*

---

conta em segredo seu nome verdadeiro, ele se certifica: “*Amizade dele, ele me dava. E amizade dada é amor*”. E, querendo esclarecer ao interlocutor, sem contudo ainda revelar o encoberto, mostra que Diadorim possuía a virtude mais prezada no homem do sertão – a valentia – justamente aquela que se faz critério de virilidade” (GALVÃO, 1972, p. 174 *apud* SALGUEIRO, 2007, p. 180).

<sup>2</sup> Disponível em: <http://antoniocicero.blogspot.com/2007/07/amigo-meu-j.html>. Acesso em: 17 dez. 2018.

*qui mal y pense*, eu preferia Diadorim homem até o fim. Como você disfarçou bem! nunca que maldei nada”. A expressão francesa que precede a preferência pela masculinidade de Diadorim remete à Ordem da Jarreteira, prestigiada cavalaria britânica do tempo das Cruzadas, e é traduzida como *envergonhe-se quem nisto vê malícia*. O comentário de Pignatari, assim como o de Bandeira, desvela a *forma mentis* brasileira e a sintomática esquiva com a qual trata sexualidades dissidentes e suas representações.

Na contramão da crítica heterossexualizante, alguns trabalhos apresentam leituras que não só não sequestram, como privilegiam a sexualidade diversa da obra. Se o reconhecimento da qualidade sensual da relação entre Riobaldo e Diadorim é empreendido à revelia da tendência heteronormativa, o que esperar do tratamento de uma configuração lésbica? A dupla de jagunços, projetada em primeiríssimo plano no enredo, encontra par diametralmente oposto nas prostitutas Maria-da-Luz e Ageala, localizado à margem — tanto do romance quanto da crítica. Nesse sentido, esta é uma proposta de leitura que deseja colocar em evidência e articular as duas ordens homoafetivas (Riobaldo/Diadorim e Maria-da-Luz/Ageala) do romance rosiano, ousando dizer seu nome e como se configuram.

### **Amado mal encoberto em amigo**

Riobaldo é um velho fazendeiro, ex-jagunço aposentado, que durante três dias tem por visitante um doutor da cidade. Este lhe é interlocutor na resenha em que conta a vida pregressa na jagunçagem, com todos os conflitos ético-metafísico-afetivos que lhe marcam a experiência, elaborando, sobretudo, a passagem de um grande amor em sua travessia: Diadorim. Riobaldo convoca, com frequência, o senhor<sup>3</sup> (tão ouvinte quanto nós, leitores) para lhe aferir os causos que conta, nos enredando enquanto pondera não só sobre os fatos narrados, mas sobre a ação mesma de narrar, da qual é muito consciente. “Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo” (ROSA, 2001, p. 309). Ele nos adverte que o relato tem propósitos. “Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para quê? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho” (ROSA, 2001, p. 216). E notifica: “o *Reinaldo* — que era Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe minha vida” (ROSA, 2001, p. 318). Conforme Willi Bolle (2001, p. 80), essa figura, a paixão do protagonista-

---

<sup>3</sup> Em “*Grande sertão: veredas* como gesto testemunhal e confessional” (2009, p. 142), Márcio Seligmann-Silva afirma que “O testemunho, sobretudo em seu sentido de testemunho de um terceiro, do testemunho jurídico, é falocêntrico. Nas sociedades tradicionais as mulheres são excluídas das cortes enquanto testemunhas. [...] Daí Riobaldo se voltar em seu discurso testemunhal a um *senhor* e não a uma senhora. A lógica do testemunho é a do convencimento via apresentação espetacular, super ocular, de provas. Prova-se um crime como se prova a masculinidade”.

narrador, é o cerne e substrato emocional do romance. Não é por acaso que na França, onde a reflexão sobre o amor faz parte da cultura, o livro tenha saído com o título *Diadorim*.

Além de “substrato emocional do romance”, *Diadorim* é índice de organização do discurso do narrador. Embora declare que “esta minha boca não tem ordem nenhuma” (ROSA, 2001, p. 37), Riobaldo arma com insuspeitada ardileza o “ponto de um fato” que configura o lance estruturante da obra e diz respeito à descoberta do gênero do amigo. Até que se chegue ao grande revés, quase ao final da obra, desdobrando ao sinal de infinito ( $\infty$ ) que define a travessia, a tensão erótico-afetiva entre ambos atravessa e sustenta todo o romance. Perturbado, no passado, com a presença de *Diadorim* e, no presente, com a lembrança, ele tenta reelaborar, enquanto narrador, o amor tabu que experimentou como personagem, o que lhe abala a conformação à sexualidade hegemônica. Às voltas com os próprios afetos, o seu conflito não é insignificante.

De um aceso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de *Diadorim*, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em *Diadorim*, carregar *Diadorim* nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. (ROSA, 2001, p. 39).

Riobaldo se encontra desnorteado entre o macho costume jagunço e o desejo desviante. Em contexto tão adverso como o da jagunçagem, onde a cultura heteropatriarcal se faz elevada à máxima potência, o estreito vínculo entre os companheiros constitui grave transgressão. “Homem é rosto a rosto; jagunço também: é no quem-com-quem” (ROSA, 2001, p. 176), posto que valentia e virilidade constituem elementos fundamentais à sobrevivência. Ambos são substância da postura dominante e intimidadora com a qual é preciso se projetar para viver no sertão, onde “o brigar parava sendo obrigação de vivente, conciso dever de homem” (ROSA, 2001, p. 364). “Homem com homem, de mãos dadas, só se a valentia deles for enorme” (ROSA, 2001, p. 502), nos assegura o protagonista-narrador. No caso de Riobaldo e *Diadorim*, sem dúvida, a exigência de imposição resta semelhante, para arredar qualquer tentativa de subjugação. “*Diadorim* e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros — porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo — podia morrer” (ROSA, 2001, p. 44). Assim, ora ensaia alguma permissividade,

Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim — de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me reprovei — na hora. (ROSA, 2001, p. 289).

Eu tinha gostado em dormência de Diadorim, sem mais perceber, no fofo dum costume. Mas, agora, manava em hora, o claro que rompia, rebentava. Era e era. Sobrestive um momento, fechados os olhos, usufruía aquilo, com outras minhas forças (ROSA, 2001, p. 291).

Aquilo, de verdade, e eu em mim — como um boi que se sai da canga e estrema o corpo por se prazer. Assim foi que, nesse arraiar de instantes, eu tornei a me exaltar de Diadorim, com esta alegria, que de amor achei. Alforria é isso (ROSA, 2001, p. 371).

ora repreende com veemência o sentimento,

Sofisme: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas as palavras? Reajo que repelia. Eu? Asco! (ROSA, 2001, p. 62).

De Diadorim eu devia de conservar um nojo. De mim, ou dele? As prisões que estão refinadas no vago, na gente (ROSA, 2001, p. 316).

De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa? Eu era o chefe. O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa... Aquilo eu repeli. (ROSA, 2001, p. 495).

O transgressor desejo encontra absolvição quando Riobaldo descobre que Diadorim “era corpo de mulher, moça perfeita”, na ocasião de sua morte na luta contra Hermógenes. Quando narra, aquele já tem conhecimento de que este é mulher, no entanto preserva sua identidade masculina e o efeito subversivo do relacionamento de ambos é produzido de uma posição salvaguardada. A artimanha retórica atua na fatura narrativa como a possibilidade de realização, no plano discursivo, do desejo dissidente. Tal artifício — manter a informação sob sigilo — tem por propósito transmitir ao interlocutor (e ao leitor) a mesma perplexidade que teve na ocasião da descoberta. Mais, e talvez sobretudo: tem como mira avalizar uma espécie de salvo-conduto para revelar seu “mau amor oculto” por Diadorim. Para Salgueiro (2007, p.180),

ao manipular informações (pois ordena ao bel-prazer no tempo presente da enunciação acontecimentos ocorridos no tempo passado do enunciado), escamoteando, por suspense típico de uma técnica de Sherazade, revelações

conclusivas, Riobaldo está guardando a sete chaves de seu interlocutor o grande segredo — segredo que lhe permite confessar suas ‘fraquezas’ de homem e que irá finalmente dar-lhe o reconhecimento de que, mesmo entre neblinas e no meio do redemunho, não estava ‘errado’: Diadorim era Deodorina.

O álibi da sexualidade normativa é obtido ao mesmo tempo em que também vigora o fato de que Riobaldo amou um homem. Em afetada autoafirmação, o protagonista-narrador pode até declarar: “Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! — nunca tive inclinação pra aos vícios desconstruídos. Repilo o que, o sem preceito” (ROSA, 2001, p. 146). Contudo, enquanto narra, no presente da enunciação, sua referência é masculina. É o que se verifica em um trecho como: “Para meu sofrer, muito me lembro. Diadorim, **todo** formosura” (ROSA, 2001, p. 510, grifo meu). Ou esse, logo após contar sobre o registro de batistério de Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins: “E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade **dele** não me desse repouso; nem o *nele* imaginar” (ROSA, 2001, p. 621, grifo meu). A expressão ambígua e homoerótica da relação com Diadorim resta incontestável, apesar da tentativa irredutível de enquadramento heterossexual<sup>4</sup>.

É possível compreender o relacionamento entre os companheiros por meio do triângulo erótico do **contínuo do desejo homosocial masculino** formulado por Eve K. Sedgwick. No pioneiro *Between men* (1985), a autora identifica — em diferentes gêneros e períodos da literatura inglesa — um esquema erótico triangular no qual o vínculo entre dois rivais é tão ou mais estreito do que a relação de ambos com o objeto de desejo em comum. A figura da mulher, na tríade amorosa, funcionaria a um tempo como mero elemento mediador da relação entre os dois homens e asseguradora de que o contato homosocial não se torne homossexual. (Bento – Capitu – Escobar poderiam ilustrar as arestas do triângulo, como exemplo.) Para Sedgwick, tal arranjo na ficção é paradigmático da sociedade heteropatriarcal na qual as obras foram produzidas, posto que cristaliza seu índice organizativo, nos termos de um paradoxo. A configuração social do patriarcado se dá tradicionalmente através do tráfico legal, econômico, religioso, sexual de mulheres entre homens, inclusive em instituições heterossexuais como amor e casamento. Elementar para

---

<sup>4</sup> No ensaio “Técnicas, estruturas e visão em *Grande sertão: veredas*” (1983), Jean-Paul Bruyas escreve: “Mas esta paixão nunca é analisada, nunca atinge, para o leitor, a forma superior de existência de algo que é explicado. [...] Para nós, e de modo especial para aquele que o vive, aos vinte anos, para aquele que se lembra trinta anos mais tarde de ter vivido aquilo, ela tem a realidade opaca, intacta, do pedregulho. Certamente a natureza deste apego, ou dessa situação (*a atração de um homem heterossexual pelo ser que ele acredita ser um homem*) ajuda o autor a apresentar a paixão como sendo incompreensível” (p. 470, grifo meu). Também Leonardo Arroyo, em “Arvoado amor” (1984), afirma taxativamente: “[...] nesse equívoco prevalece o paradoxo de uma **verdade do instinto**, pois ao final da narrativa sabemos que era *legítimo* o amor de Riobaldo” (p. 67).

a manutenção do regime, as relações masculinas (homossociais), marcadas por vigorosa solidariedade entre homens, são impedidas de se ampliarem para o âmbito erótico (homossexual), já que incorporam “intensa homofobia, medo e aversão à homossexualidade” (SEDGWICK, 1985, p.1). Entre os polos não sexual e sexual haveria “um *continuum* cuja visibilidade, para homens, em nossa sociedade, é radicalmente interrompido” (SEDGWICK, 1985, p. 1).

A “vexável afeição” que marca a relação de Riobaldo e Diadorim se inscreve muito bem na formulação sedgwickiana. O conflito se manifesta no limite do apreço, catalisado pelo impedimento de concretização do desejo. Riobaldo sente genuína estima por Diadorim, configurando a camaradagem do vínculo homossocial masculino.

Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou — amigo — é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é. Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfrêdo. (ROSA, 2001, p. 158).

Nunca mais, até o derradeiro final, nunca mais eu vi o Reinaldo tão sereno, tão alegre. E foi ele mesmo, no cabo de três dias, quem me perguntou: — “Riobaldo, nós somos amigos, de destino fiel, amigos?” — “Reinaldo, pois eu morro e vivo sendo amigo seu!” — eu respondi. Os afetos. (ROSA, 2001, p. 148).

É muito tênue, porém, a linha que demarca o território seguro da amizade e a zona movediça do desejo, materializada na imagem da *neblina*.

Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisafeita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente — tentação dessa eu espairescia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. (ROSA, 2001, p. 47).

E veja: eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar; e, agora aquela hora, eu não apurava vergonha de se me entender um ciúme amargoso. (ROSA, 2001, p. 43).



Com efeito, Daniel Balder (1999, p. 54) assinala que

[...] *lo que Eve Kosofsky Sedgwick llama de ‘pánico homosexual’ — el mecanismo de defensa de agrupaciones homosociales, como el bando de jagunços de la novela, por no permitir la aflorión del deseo homoerótico — es aquí o que funciona para vigilar que la amistad de los compañeros no se convierta en otra cosa*<sup>5</sup>.

A expressão do afeto, sobretudo no registro homoerótico, é interdita à custa do código de conduta masculino e jagunço. Riobaldo amou e ama um homem, isso é inquestionável. Aí o **pânico homossexual** se manifesta. Na fatura narrativa, ele funciona como a reviravolta que reestabelece a suposta heterossexualidade de Riobaldo, através da mulher intermediária do triângulo erótico. Embora esta também possa ser lida como Otacília, a fiel esposa, que oficialmente sanciona ao protagonista-narrador o estatuto da sexualidade normativa por meio do matrimônio, é Deodorina que oportuniza a Riobaldo a recuperação da macheza de jagunço. Márcia Tiburi sublinha que

[...] o homoerotismo (homossexualidade ou homoafetividade) aparece apenas para que possa ser negado. Uma revolução sexual em nome da homoafetividade se anuncia e é, no instante derradeiro, negada. Como que julgada durante todo o texto feito lei, ela é condenada enquanto, ao mesmo tempo, uma espécie de redenção heterossexual é alcançada com a imagem do corpo morto de Diadorim” (TIBURI, 2013, p. 195).

A tríade Riobaldo – Deodorina – Diadorim, desse modo, restitui a um só tempo a sexualidade heteronormativa e o caráter patriarcal da homosocialidade masculina.

### **Diadorim, nem Reinaldo ou Deodorina**

O “amor oculto” entre Riobaldo e Diadorim tem por precedente um efeito de inteligibilidade de gênero. Desde o encontro matricial entre ambos, às margens do Rio São Francisco, temos já delineado o alcance da projeção masculina do Menino (Reinaldo – Diadorim – Deodorina), sob o par antitético **medo e coragem**<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> “O que Eve Kosofsky Sedgwick chama de ‘pânico homossexual’ – o mecanismo de defesa de agrupamentos homosociais, como o bando de **jagunços** da novela, que não permite o florescimento do desejo homoerótico – é aqui o que funciona para vigiar que a amizade dos companheiros não se converta em outra coisa” (trad. nossa).

<sup>6</sup> Cf. “Breve excursão sobre Amor, Medo e Coragem”, em *Grandesertão.br*, de Willi Bolle.



Riobaldo o vê: Menino mocinho encostado numa árvore, pitando cigarro, de chapéu-de-couro. “Não se mexeu. Antes fui eu que vim para perto dele” (ROSA, 2001, p. 218). Enquanto o primeiro sente medo de a canoa afundar, o segundo lhe assevera a máxima **carece de ter coragem**, à maneira de seu pai, Joca Ramiro, “o homem mais valente deste mundo” (ROSA, 2001, p. 122). Quando são surpreendidos por um rapaz mais velho, que, num gesto de “figurado indecente”, sugere envolvimento erótico entre eles, Riobaldo é rápido em “falar alto, contestando, que não estávamos fazendo sujice nenhuma”, enquanto o Menino o afugenta com um golpe de faca na coxa, “a ponta rasgando fundo” (ROSA, 2001, p. 143). Assombrado com a intrepidez do Menino, ele o descreve como “dessemelhante”, “calado e sabido”, “tudo nele era segurança em si” (ROSA, 2001, p. 120). Indaga: “Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele?” (ROSA, 2001, p. 125). E comprova, anos à frente, a qualidade consistente de sua valentia. “Como era que era: o único homem que a coragem dele nunca piscava; e que, por isso, foi o único cuja toda coragem às vezes eu invejei. Aquilo era de chumbo e ferro” (ROSA, 2001, p. 428). A admiração, e resultante atração, de Riobaldo pelo companheiro de bando se dá pelo reconhecimento dos atributos prezados num sujeito—homem—guerreiro—jagunço.

**Diadorim belo feroz** fora forjado no bruto sistema de valores da jagunçagem pelo imponente Joca Ramiro, e, “desde cedo formada para atender ao modelo masculino de comportamento, era exímia a manejar a faca, corajosa e viril, como nem mesmo Riobaldo viria a ser” (ALVES, 2013, p. 136). Pierre Bourdieu (2016), a partir do exame da sociedade cabila, analisa o fenômeno da **dominação masculina**, em que as diferenças sexuais figuram como parte de um conjunto de oposições que organiza os sexos através de associações simbólicas articuladas ao masculino e ao feminino. O autor diz que a força particular da “sociodiceia masculina” lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: “*ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria, uma construção social naturalizada*” (BORDIEU, 2016, p. 40). Isto é: a dominação masculina se efetivaria a partir da utilização de categorias construídas sob a perspectiva dos dominantes sobre as relações de dominação, num procedimento em que essas relações ganham o estatuto de “naturais”.

Tendo apenas uma existência **relacional**, cada um dos dois gêneros é produto do trabalho de construção diacrítica, ao mesmo tempo teórica e prática, que é necessário à sua produção como **corpo socialmente diferenciado** do gênero oposto (sob todos os pontos de vista culturalmente pertinentes), isto é, como *habitus* viril, e portanto não feminino, ou feminino, e portanto não masculino (BORDIEU, 2016, p. 41, grifos do autor).

É nesse sentido que a personagem Diadorim instaura uma contradição em termos de expectativa de gênero e desvela o caráter sociocultural das práticas convencionadas como pertencentes ao masculino ou feminino. “O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível” (ROSA, 2001, p. 154). Ainda que Riobaldo sugira indícios da identidade mulher de Diadorim através de particularidades supostamente femininas, como a mão melhor para lavar roupa (ROSA, 2001, p. 51) e o asseio da higiene pessoal (ROSA, 2001, p. 145), ela figura como modelo de virilidade e exerce inegável autoridade sobre ele. “E ele, o Reinaldo, era tão galhardo garboso, tão governador, assim no sistema pelintra, que preenchia em mim uma vaidade, de ter me escolhido para seu amigo todo leal” (ROSA, 2001, p. 164). “Por mim, não sei que tontura de vexame, com ele calado eu a ele estava obedecendo quieto” (ROSA, 2001, p. 29). “As vontades de minha pessoa estavam entregues a Diadorim. A razão dele era do estilo acinte” (ROSA, 2001, p. 37).

Deodorina — “que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor” (ROSA, 2001, p. 620) — existe enquanto latência, também no discurso de Riobaldo: contraponto na rememoração do amado companheiro de bando Reinaldo. Para Walnice Vilalva (2010, p. 234), “A imagem se duplica, sendo a seu tempo masculino e feminino. Nem só masculino nem feminino. Mas masculino e feminino duplamente. Esse efeito de contaminação, proposto pela imagem, cria o jogo da homossexualidade”. Se Deodorina é o índice da identidade mulher enquanto Reinaldo realiza incontestável masculinidade, sendo ambos as duas faces da mesma moeda, podemos considerar Diadorim como a terceira margem, o ponto exato da inflexão da imagem. É através da aparência, de sua qualidade travestida, que Diadorim não só efetua a operação de construir uma identidade masculina e assim ser reconhecido, como sobretudo desvela a artificialidade do binarismo feminino/masculino.

Em *Transvestism, masculinity and Latin American literature: genders share flash* (2002), Ben Sifuentes-Jáuregui comenta a palavra “travestismo” e o conflito etimológico que contém em si mesma. De um lado, ela vem diretamente do latim *trans-vestire*, travestir; por outro, do latim através do francês, *transvestire* se torna *travesti*, que adiante se transforma no inglês *travesty* (farsa, simulacro, distorção). Então, simultaneamente, travestismo sinaliza a transposição da zona de um gênero para outro e um engano ou uma mentira.

*Consider that tranvestism is obsessed with producing an effect of “realness”. So, by juxtaposing transvestism’s tendency towards the “real” with its etymological other, “travesty”/falseness, we can then begin to consider a fascinating dialectical movement: by showing the other’s travesty through the denaturalization of genders, transvestism produces a “realness” for itself; and, by re-producing the other’s “realness”, by re-presenting the other, by constructing the*

*other's "realness", transvestism also reveals the "falseness" (that is, the construction) of the other.* (SIFUENTES-JÁUREGUI, 2002, p. 4)<sup>7</sup>.

É por meio desse “equivoco” que se organiza a figura de Diadorim e a completa efetividade de sua expressão. Retomando as impressões de outrora nas suas reminiscências, Riobaldo atualiza a identificação de Diadorim como **homem** e o respectivo conflito por gostar dele “dum jeito condenado”.

Diadorim — mesmo o bravo guerreiro — ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume de pescoço: a lá, aonde se acaba e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza? — o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é, para destino destinar... [...] Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação — por detrás de tantos brios e armas? (ROSA, 2001, p. 327).

O mimetismo de gênero empreendido por Diadorim e seu amplo reconhecimento apontam, na esteira de Marjorie Garbor (1993, p. 17), para um dos aspectos mais importantes do travestismo: *“the way in which it offers a challenge to easy notions of binarity, putting into question the categories of ‘female’ and ‘male,’ whether they are considered essential or constructed, biological or cultural”*<sup>8</sup>. A autora, em *Vested interests: cross-dressing & cultural anxiety* (p. 17), afirma que *“transvestism is a space of possibility structuring and confounding culture: the disruptive element that intervenes, not just a category crisis of male and female, but the crisis of category itself”*<sup>9</sup>. Daí, pelo caráter performático que os papéis de gênero instituem, Riobaldo afirmar, em perspectiva cênica: “Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro” (ROSA, 2001, p. 250).

---

<sup>7</sup> “Considere que o travestismo é orientado por um efeito de veracidade. Logo, justapondo a tendência do travestismo ao ‘real’ com o seu sentido etimológico outro, dissimulação/falsidade, nós podemos começar a considerar um fascinante movimento dialético: ao exibir a caricatura do outro através da desnaturalização do gênero, o travestismo produz ‘verdade’ em si; e, ao reproduzir a autenticidade do outro, representando e construindo a veracidade desse outro, o travestismo também revela a ‘falsidade’ (isto é, a construção) do outro.” (trad. nossa).

<sup>8</sup> “o modo com que oferece um desafio para noções pacíficas de binarismo, colocando em questão categorias de ‘feminino’ e ‘masculino’, quer elas sejam consideradas essenciais ou construídas, biológicas ou culturais.” (trad. nossa).

<sup>9</sup> “travestismo é um espaço de possibilidade para estruturar e confundir a cultura: o elemento disruptivo que intervém, não apenas uma crise das categorias de masculino e feminino, mas a crise da categoria mesma”. (trad. nossa).

## Verde Alecrim: Lesbos do sertão

Comentando a “tácita aceitação dos clichês envolvendo as questões do gênero” em *Grande sertão: veredas*, Kathrin Rosenfield (2005, p. 108) afirma que Guimarães Rosa faz

[...] regredir o romance ao conto de fadas, confinando a figura feminina numa elaboração quase mítica: o enigma de Diadorim como o incognoscível e o intocável estigmatiza o outro feminino como sagrado e/ou vitimado. As demais mulheres do *Grande sertão* também mostram traços muito estereotipados (virgem-puta, esposa angelical ou megera).

A afirmação procede e tem sua regra confirmada por uma exceção, resguardando a ambiguidade cara ao romance: um par de mulheres que apresentam dificuldade ao lugar-comum – as prostitutas Maria-da Luz e Hortência/Ageala.

Antes da batalha com Hermógenes, como numa ascensão aos céus antes da descida ao inferno, Riobaldo e seu bando esbarram num povoado chamado Verde Alecrim. Lá, em contraposição a simples casinhas, encontram uma casa-grande, “com alpendre, as vidraças de janelas de malacacheta, casa caiada e de telhas, de verdade” pertencente a duas “mulheres-damas”. A casa é um bordel e as damas são, além de prostitutas, proprietárias do lugar — “que devia de ter nome de Paraíso”. Riobaldo comenta que “eram duas raparigas bonitas, que mandavam no lugar, ainda que os moradores restantes fossem santas famílias legais, com suas honestidades” (ROSA, 2001, p. 541). A riqueza de ambas – que “provinham de muito boas famílias” e possuíam toda a terra plantável do Verde Alecrim – se reflete na recepção da comunidade, cujos moradores e suas famílias “serviam a elas, com muita harmonia de ser e todos os préstimos” (ROSA, 2001, p. 545). Conforme Cleusa Passos (2000, p. 64), “a sexualidade e a beleza são impostas pelo universo das prostitutas, donas das terras produtivas da região, filhas de famílias de posses, cuja escolha de vida se faz sem normas preconcebidas. Ricas, gerenciam o povoado e sabem ter voz ativa”. Maria-da-Luz é caracterizada como “morena” e sendo mulher de “muito traquejo”. Segundo Riobaldo, “Não era siguilgaita simples” (ROSA, 2001, p. 543). Já Ageala, “conome assim, porque o corpo dela era tão branquinho formoso, como frio para de madrugada se abraçar... Ela era ela até no recenso dos sovacos” (ROSA, 2001, p. 542). Uma sendo branca e a outra, morena; uma figurando *quente* (“luz”) e a outra, *fria* (“ageala”), num contraste que as compõem em par.

Nessa paragem paradisíaca, em que cumpre “o dever de minha hombridade”, Riobaldo está acompanhado de Felisberto, jagunço sentinela. As moças o convidam para tomar um café – “sendo as duas, o senhor vê, pessoas muito bondosas” (ROSA, 2001, p. 543) – com o consentimento de Riobaldo, que se encontra “perfeito descomposto nu”. Para evitar constrangimentos, Maria-da-Luz lhe traz uma

“roupagem velha dela” para amarrar na cintura, ao que ele aceita e experimenta. “Daí, entendi o desprante, me brabeei, com um repelão arredei a mulher, e desatei aquilo, joguei longe”. Ele veste as próprias roupas, enquanto as moças riem dele. “Eu era algum saranga? Eu podia dar bofetadas – não fosse a só beleza e a denguiçe delas, e a estroina alegria mesma, que meio me encantava” (ROSA, 2001, p. 543). Aqui, despojamento e prazer (sob os signos da beleza, denguiçe e alegria) têm hora e vez contra a violência máscula, desarmando Riobaldo (“que podia dar bofetadas”) e sua masculinidade afetada pela sugestão de travestimento. A denguiçe, entretanto, não se confunde com docilidade. Maria-da-Luz sugere de Felisberto “com ela se introduzir, no outro cômodo, por variação de umas duas horas”, enquanto Riobaldo se encontra com Ageala. Bravo, ele diz que não, mas ela o confronta com altivez e ele muda de ideia: “— [...] Tu não tá repartindo, tu tem?...’ — assim ela me modificou”. Conforme ele, Maria-da-Luz, “a doividã, era uma afiançada mulher”. E completa, assinalando a excentricidade do comportamento afrontoso dela: “No sertão tem de tudo” (ROSA, 2001, p. 544).

Em *Os prazeres da noite* (1991), Margareth Rago analisa a prostituição na São Paulo de meados do séc. XIX a partir, sobretudo, de representações e mitos que formam seu imaginário. Embora o exame tenha a particularidade de se ocupar com o fenômeno no cenário urbano, ele pode servir de baliza para evidenciar as projeções que configuram a representação da prostituta e pesam sobre o erotismo feminino. Segundo a autora, a “economia da imagem da meretriz” comporta duas figuras polarizadas: a mulher fatal e a vítima.

Tanto na imprensa quanto nos romances e textos científicos, essas projeções masculinas se superpõem sobre a figura da ‘mulher pública’, ora dotando-a de enorme capacidade destruidora de sedução, ora apresentando-a como vítima de movimentos exteriores contra os quais não há possibilidades de luta. (RAGO, 1991, p. 201).

Se essa é uma constante nas construções imagéticas de homens sobre mulheres, a autora identifica na literatura produzida por mulheres uma outra via, em que “a prostituta traduz um ideal de libertação social e sexual da mulher” (RAGO, 1991, p. 201). Essa via alternativa, no entanto, por livre que pareça, guarda uma armadilha em termos de subordinação da sexualidade feminina.

*En el patriarcado hay una real ininteligibilidad de la lesbiana puesto que la vida de las mujeres no ha sido relevante por fuera de la vida reproductiva. Para la institución de la heterosexualidad la mujer no reproductiva no existe, es un imposible. Y así, el acto libre de una mujer no es abandonar el deseo por el varón, no es el rechazo o la oposición activa a la heterosexualidad sino el reafirmarla a través de su goce: desear o estar con muchos varones ha sido*

*la salida construida y ofertada de liberación para las mujeres; no es dejar de servirle a un hombre, sino servirle a muchos, no es no importarle los cuerpos masculinos sino que le importen exacerbadamente, dedicarse a ellos como un oficio, especializarse en el arte de dar placer al varón.* (MIÑOSO, 2011, p. 12)<sup>10</sup>.

Maria-da-Luz e Hortência Ageala estabelecem, desse modo, uma contradição. Embora sejam putas, elas o são sob a própria prescrição, vivendo e revigorando a sexualidade feminina com autonomia, o que por si é combativo e signo de resistência – nesse sertão que é o mundo. “Tanto elas disseram, que tudo transformavam. Mulheres” (ROSA, 2001, p. 545). Elas instituem o bordel como espaço de sociabilidade, linha de fuga dos códigos comportamentais normativos, onde podem circular e gozar sua sexualidade livremente. É nesse sentido que Riobaldo comenta: “Mulheres sagazes! Até mesmo que, nas horas vagas, no lambarar, as duas viviam amigadas, uma com a outra – se soube” (ROSA, 2001, p. 545). O tom de confiança da declaração, articulado às expressões “lambarar” (de sentido análogo a “lambujar”, comer alguma iguaria saborosa) e “amigadas” (unidas numa relação não institucionalizada), desvela a natureza homoerótica do relacionamento de ambas. Apesar do envolvimento com homens no exercício da profissão, Maria-da-Luz e Ageala são companheiras, e o jeito de fofoca no comentário de Riobaldo (“se soube”) indica que essa informação é corrente e reconhecida.

As mulheres-damas do Verde Alecrim manifestam, no *Grande sertão*, a presença de uma homoafetividade feminina. A dimensão dessa existência no romance é periférica e sintomática da invisibilidade que pesa sobre sexualidades não normativas, especialmente entre mulheres. Para Maria Glória Castro,

[...] se a experiência erótica feminina, na literatura, é problemática porque invade um espaço falocêntrico, a representação da sexualidade lesbiana é ainda mais problemática, pois rompe com as relações dominantes de gênero, ao excluir a figura do homem e colocar a mulher em uma posição de sujeito atuante, em vez do papel tradicional de objeto do desejo masculino (CASTRO, 2008, p. 60).

Esse problema se traduz numa dificuldade de inteligibilidade, em que “a ignorância [da homossexualidade] pode ser compreendida como sendo produzida

---

<sup>10</sup> “No patriarcado, há uma real ininteligibilidade da lésbica, posto que a vida das mulheres não tem sido relevante além da vida reprodutiva. Para a instituição da heterossexualidade a mulher não reprodutiva não existe, é um impossível. E, assim, o *ato livre* de uma mulher não é abandonar o desejo por homens, não é a recusa ou a oposição ativa à heterossexualidade, mas sua reafirmação através do gozo: desejar ou estar com muitos homens tem sido a saída construída e ofertada de libertação para as mulheres; não é deixar de servir a um homem, mas servir a muitos, não é não se importar com corpos masculinos, mas se importar exacerbadamente, dedicar-se a eles como um ofício, especializar-se na arte de dar prazer ao homem.” (trad. nossa).

por um tipo particular de conhecimento ou produzida por um modo de conhecer” (LOPES, 2004, p. 50), isto é: o apagamento é efeito de dar a ver uma perspectiva específica – a heteronormativa. Esse fenômeno é insidioso no caso das “mulheres que amam ou têm sexo com outras mulheres”, já que sua natural indiferença aos homens consiste em uma ameaça ao regime de dominação masculina. Yuderkys E. Miñoso, em “*A la búsqueda de un sujeto lesbiano*” (2011, p. 12), sublinha o estatuto opaco da homoafetividade feminina e afirma que a lésbica sempre surge como figura acessória da homossexualidade masculina:

*Dentro del mismo campo de la docencia y la investigación académica, bajo el pretexto de las dificultades y escasas fuentes para la construcción de una historiografía de las relaciones homoeróticas entre mujeres, la lesbiana siempre aparecerá como figura secundaria al homosexual varón, o en todo caso contenida dentro de un sujeto “homosexual” universal que termina siempre siendo masculino. Cuando se ha tratado de examinar, pensar, analizar a la lesbiana, indiscutiblemente ésta siempre aparecerá a la sombra del enfermo sexual, el perverso, el pederasta, el invertido. Todas estas sí, figuras masculinas con peso histórico propio.<sup>11</sup>*

É exatamente por esse ângulo que Terry Castle encaminha sua crítica e proposta antagonista à tese de Eve K. Sedgwick do desejo homosocial masculino, destacando que seu “esquema totalizante” e o insistente foco no vínculo entre homens escamoteia as relações entre mulheres e o potencial erotismo da experiência feminina. Para Castle (2003, p. 72),

*It is precisely because Sedgwick has recognized so clearly the canonical power of male-male desire [...] that she does not ‘get the point’ of female-female desire. For to do so would mean undoing, if only imaginatively, the very structure she is elsewhere at such pains to elaborate: the figure of the homosocial triangle itself.<sup>12</sup>*

---

<sup>11</sup> “Dentro do mesmo campo de docência e de investigação acadêmica, sob o pretexto das dificuldades e fontes escassas para a construção de uma historiografia das relações homoeróticas entre mulheres, a lésbica sempre aparecerá como figura secundária ao homossexual homem, ou em todo caso contida dentro de um sujeito “homossexual” universal que termina sempre sendo masculino. Quando se trata de examinar, pensar, analisar a lésbica, indiscutivelmente esta sempre aparecerá à sombra do enfermo sexual, do perverso, do pederasta, do invertido. Todas essas sim, figuras masculinas com peso histórico próprio.” (trad. nossa).

<sup>12</sup> “É precisamente porque Sedgwick reconheceu tão claramente o poder canônico do desejo entre *homem-homem* [...] que ela não compreende o desejo entre *mulher-mulher*. Fazê-lo seria dismantelar, ainda que de modo imaginativo, a própria estrutura que ela com tanto esforço elaborou: a figura mesma do triângulo homosocial.” (trad. nossa).



A autora identifica então um triângulo subversivo – ou “*erotic counterplotting*” – em narrativas lésbicas: o desejo entre mulheres como a ruptura do “*supposedly ‘canonical’ male-female-male erotic triangle*” (p. 82), tendo um princípio subjacente: “*namely, that for female bonding to ‘take’, as it were, to metamorphose into explicit sexual desire, male bonding must be suppressed*” (p. 84). Ou seja: a relação homosocial e homossexual feminina, dentro e fora da ficção, tem por efeito a desarticulação da estrutura que sequestra seu desejo e autonomia – o regime masculinista heteropatriarcal. É por isso que Castle afirma: “*But, most important, by plotting against what Eve Sedgwick has called the ‘plot of male homosociality’, the archetypal lesbian fiction decolonizes, so to speak, the canonical structure of desire itself*” (p. 90).<sup>13</sup>

Daí o termo “amigadas” para se referir a Maria-da-Luz e Ageala ser muito apropriado, afinal. Simultaneamente **amigas** e **amantes**, elas estão inscritas naquele contínuo lésbico esboçado por Adrienne Rich (2002, p. 36, grifo do autor), que inclui “experiências de identificação” entre mulheres, a partir das quais “começamos a descobrir o erótico em termos femininos”, como “o compartilhamento de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, o dar e receber de apoio prático e político”, numa abrangência maior e fora do alcance de “definições mais limitadas, na maioria clínicas, de **lesbianismo**”.

A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade. A negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres, da escolha das mulheres por outras como suas aliadas, companheiras de vida e de comunidade, ao se obrigar que tais relações sejam dissimuladas e até desintegradas sob intensa pressão tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres **em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar** (RICH, 2002, p. 40, grifos do autor).

A sugestão de envolvimento homoerótico entre ambas a um só tempo rompe com a sexualidade hegemônica e sugere, por outras vias, um desenlace para Riobaldo e Diadorim. A zona meretrícia que estabelecem é um território de prazer no qual elas – e não algum rufião – são soberanas. Maria-da-Luz e Ageala figuram uma ordem em potencial, em que o desejo e a liberdade têm caráter fundante.

---

<sup>13</sup> “Mas, mais importante, ao conspirar contra o que Eve Sedgwick tem chamado de ‘trama da homossexualidade masculina’, a ficção lésbica arquetípica descoloniza, por assim dizer, a estrutura canônica do próprio desejo.” (trad. nossa).

ZANDOMENICO, Y. Nonconforming desire in *The devil to pay in the backlands*, by Guimarães Rosa. **Itinerários**, Araraquara, n.48, p. 91-109, jan./jun. 2019.

■ **ABSTRACT:** *If the critics of The devil to pay in the backlands has been moving forward in the discussion about the sensual aspect of the friendship between the protagonist and narrator Riobaldo and Diadorim, there is still a path to build with regard to the prostitutes and partners Maria-da-Luz and Hortência/Ageala. The present work consists in comparing the pairs Riobaldo/Diadorim and Maria-da-Luz/Ageala as two distinct homosexual arrangements and redeeming the lesbian existence from its peripheral status in Rosa's novel. For this purpose, the theoretical framework is based on arguments from Eve K. Sedgwick, in Between men (1985), and Terry Castle, in The apparitional lesbian (2003), among others. It analyses, also, the cross-dressing condition of Diadorim, that creates a new path in terms of gender.*

■ **KEYWORDS:** *Dissident sexualities. Lesbian existence. The devil to pay in the backlands.*

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cristiane da Silva. A formação dos homens e a violência em Grande sertão: veredas. **Literatura em debate**, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 12, p. 121-137, 2013.

ARROYO, Leonardo. Arvoado amor. **A cultura popular em Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, INL, 1984, p. 67-81.

BALDER, Daniel. El narrador dislocado y desplumado: los deseos de Riobaldo en *Grande sertão: veredas*. 1999. Disponível em: <https://web.uchile.cl/publicaciones/cyber/09/dbalder.htm>. Acesso em: 17 dez. 2018.

BANDEIRA, Manuel. Carta a Guimarães Rosa. Disponível em: <http://antoniocicero.blogspot.com/2007/07/amigo-meu-j.html>. Acesso em: 17 dez. 2018.

BOLLE, Willi. Diadorim: a paixão como *medium*. Revista USP, São Paulo, n. 50, p. 80-99, jun./ago. 2001.

BOLLE, Willi. **grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.

BRUYAS, Jean-Paul. Técnicas, estruturas e visão em *Grande sertão: veredas*. In: COUTINHO, Eduardo (org.) **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 357-385.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

- CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: COUTINHO, Eduardo (org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 294-302.
- CASTRO, Maria Glória. O interdito no ideal de nação: a lesbiana existe para a literatura brasileira? **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 38, p. 57-67, jun./dez., 2008.
- CASTLE, Terry. **The apparitional lesbian**: female homosexuality and modern culture. New York: Columbia University Press, 2003.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GARBER, Marjorie. **Vested Interests**: cross-dressing and cultural anxiety. New York: Perennial, 1993.
- LOPES, Guacira Louro. Uma política pós-identitária para a Educação. In: LOPES, Guacira Louro.. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. A la búsqueda de un sujeto lesbiano. **Labrys, études féministes/estudos feministas**, Paris/Montréal/Brasília, janeiro/junho, 2011.
- NUNES, Benedito. O amor em Guimarães Rosa. In: PINHEIROS, Vitor Sales (org.) **A Rosa o que é de Rosa**. São Paulo: Difel, 2013.
- PASSOS, Cleusa Rios. **Guimarães Rosa**: do feminino e suas estórias. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2000.
- PIGNATARI, Décio. Entrevista sobre *Grande sertão: veredas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ODQPGaSWdkg&t=422s>. Acesso em: 17 dez. 2018.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas** — Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSENFELD, Kathrin Holtermayer. A incompatibilidade do cordial e do trágico. A propósito de Machado e Rosa, Musil e Clarice Lispector. In: NASCIMENTO, Evando. **Jacques Derrida: pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, p. 103-133.
- SALGUEIRO, Wilberth. Romances ambíguos: paixão e morte em *Crônica da casa assassinada* e *Grande sertão: veredas*. **Revista Contexto**, Vitória, n. 14, p. 167-183, 2007.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men** – English literature and male homosocial desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Grande sertão**: veredas como gesto testemunhal e confessional. *Alea – Estudos neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 130-147, janeiro/junho, 2009.

SIFUENTES-JÁUREGUI, Ben. **Transvestism, Masculinity and Latin American Literature**: genders share flash. New York: Palgrave, 2002.

TIBURI, Márcia. Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do sertão. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 191-207, janeiro/abril, 2013.

VILALVA, Walnice Matos. Riobaldo/Diadorim e o tema da homossexualidade. **Revista Cerrados**, Brasília, v. 17, n. 25, p. 233-243, 2008.



